Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Curso de Letras

Introdução aos Estudos Clássicos (1º sem. 2019), Professora Elaine Cristine Sartorelli

Professor convidado: Rafael Frate

**Breve panorama da lírica grega:**

*Safo, fr. 16:*

|  |  |
| --- | --- |
| ο]ἰμὲν ἰππήωνστρότονοἰδὲ πέσδωνοἰδὲνάων φαῖσ’ ἐπ[ὶ] γᾶνμέλαι[ν]ανἔ]μμεναι κάλλιστον, ἔγωδὲκῆν’ὄτ-τωτιςἔραται· | [U]ns dizem que a cavalaria, outros, que ainfantaria,]Outros que a frota é, sobr[e] a terra negra,O que [h]á de mais belo, mas eu, aquilo quese deseja; |

Tradução: Tadeu Andrade

*Alceu, fr. 332:*

|  |  |
| --- | --- |
| νῦν χρῆ μεθύσθην καί τινα πὲρ βίανπώνην, ἐπεὶ δὴ κάτθανε Μύρσιλος | Vamos beber agora e, ainda que por força,Eborrachar-se, pois está morto Mirsilo! |

Tradução: Rafael Frate

**Percurso de uma tópica lírica:**

Homero, Od. XVIII (128-137)

|  |  |
| --- | --- |
| τοὔνεκά τοι ἐρέω, σὺ δὲ σύνθεο καί μευ ἄκουσον·οὐδὲν ἀκιδνότερον γαῖα τρέφει ἀνθρώποιοπάντων, ὅσσα τε γαῖαν ἔπι πνείει τε καὶ ἕρπει.οὐ μὲν γάρ ποτέ φησι κακὸν πείσεσθαι ὀπίσσω,ὄφρ’ ἀρετὴν παρέχωσι θεοὶ καὶ γούνατ’ ὀρώρῃ· ἀλλ’ ὅτε δὴ καὶ λυγρὰ θεοὶ μάκαρες τελέωσι,καὶ τὰ φέρει ἀεκαζόμενος τετληότι  θυμῷ.τοῖος γὰρ νόος ἐστὶν ἐπιχθονίων ἀνθρώπων,οἷον ἐπ’ ἦμαρ ἄγῃσι πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε. | Por isso te direi, e que me compreenda e me escute:nada mais débil que o homem a terra nutreentre tudo que sobre a terra respira e circula.Nunca alguém pensa que no futuro um mal sofreráenquanto deuses ofertam sucesso, e os joelhos se mexem;mas quando deuses venturosos completam o funesto,também isso, sem o querer, suporta com ânimo resistente.É tal a mente dos homens sobre-a-terracomo o dia que conduz o pai de varões e deuses. |

Tradução: Christian Werner

**Mimnermo, fr.2 (1-7)**

|  |  |
| --- | --- |
| ἡμεῖς δ’, οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὥρη ἔαρος, ὅτ’ αἶψ’ αὐγῆις αὔξεται ἠελίου, τοῖς ἴκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἥβηςτερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸνοὔτ’ ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι μέλαιναι,ἡ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέου,ἡ δ’ ἑτέρη θανάτοιο· (...) | Nós, como as folhas da multiflórea estação da primavera,Quando aos raios de sol de pronto viçam,Iguais a elas em breve tempo fruímos das floresDa juventude, inscientes do bem e do mal que vêm dos Deuses. Mas Queres estacam ao nosso lado, negras:Uma, no cumprimento da dura velhice;A outra, na morte (...) |

Tradução: Rafael Brunhara

**Píndaro. Pítica 8 (93-95):**

|  |  |
| --- | --- |
| ἐν δ’ ὀλίγῳ βροτῶν τὸ τερπνὸν αὔξεταῐ· οὕτω δὲ καὶ πίτνει χαμαί, [⸏](http://stephanus.tlg.uci.edu/help/BetaManual/online/H6.html)ἀποτ[ˈ](http://stephanus.tlg.uci.edu/help/BetaManual/online/P15.html)ρόπῳ γνώμᾳ σεσεισμένον.ἐπάμεροι· τί δέ τις; τί δ’ οὔ τις; σκιᾶς ὄναρἄνθρωπος. | É pouco o tempo de crescerDos mortais o gozo: cai logo por terra,Batido por ideia abaladora.Efêmeros: que é quem? que é ninguém? Sonho de sombra é o homem. |

***Partindo para Roma:***

**Catulo.**

**Poema 5 (*ad Lesbiam*):**

|  |  |
| --- | --- |
| VivamusmeaLesbia, atqueamemus,rumoresquesenumseveriorumomnes uniusaestimemusassis!soles occidere et redirepossunt:nobis cum semelocciditbrevis lux,nox est perpetua una dormienda.da mi basiamille, deindecentum,deinmille altera, dein secunda centum,deindeusque altera mille, deindecentum.dein, cum milia multa fecerimus,conturbabimusilla, ne sciamus,aut ne quis malusinviderepossit,cum tantum sciat esse basiorum. | Vivamos, minha Lésbia, e amemos,E as graves vozes velhas – Todas – valham para nós menos que um vintém.Os sóis podem morrer e renascer:quando se apaga o nosso fogo brevedormimos uma noite infinita.Dá-me pois mil beijos, e mais ceme mil, e cem, e mil,e mil e cem.Quando somarmos muitas vezes milmisturaremos tudo até perder a conta:que a inveja não ponha o olho de agourono assombro de uma tal soma de beijos.**Tradução: Haroldo de Campos** |

**Horácio.**

***Espistula ad Pisones (ArsPoetica)vv. 83-85:***

|  |  |
| --- | --- |
| Musa deditfidibusdiuospuerosquedeorumet pugilemuictoremet equumcertamine primumet iuvenum curas et libera uina referre. | A musa deu à lira dizer sobre os deuses, os seus filhos,E o campeão no pugilato, o primeiro nos cavalos,E a inquietação dos jovens e os vinhos que libertam. |

***Carmina, I. 6 (1-2 [...] 17-20):***

|  |  |
| --- | --- |
| ScriberisVariofortis et hostiumuictorMaeoniicarminisalite,(…)Nos conuiuia, nos proeliauirginumsectis in iuvenesunguibusacriumcantamusuacui, siue quid urimur non praetersolitumleues. | Vário te narrará bem forte, vencedordos inimigos, um pássaro de meônio canto(...)Mas eu cantoos banquetes e as batalhasde meninas e meninos com unhas aparadas,seja tranquilo, seja ardendo, nada alémdo que é leve.  |

***Carmina I, 11***

Tu ne quaesieris, scirenefas, quem mihi, quem tibi

Finem didederint, Leuconoe, necBabylonios

Temptarisnumeros. ut melius, quidquiderit, pati,

seu plurishiemes seu tribuitIuppiter ultimam,

quae nunc oppositisdebilitatpumicibus mare

Thyrrhenum! sapias, vinaliques, et spatiobreui

spemlongamreseces. dum loquimurfugeritinuida

aetas: carpe diem, quamminimumcredulapostero.

**Algumas traduções para o português:**

**Proposta:**

Não vá querer saber (é proibido) qual a mim, qual a você

os deuses escolheram o fim, minha Leucônoe, nem vá consultar

números babilônicos. Tanto melhor será o que quer que venha.

Quer nos destine Júpiter muitos invernos mais, quer seja o último

que possa extenuar o mar Tirreno em seu embate com os escolhos

que lhe opõem, tome um conselho, infunda o vinho e a um breve intervalo

cerceie uma esperança longa. Enquanto nós falamos passa o tempo

tão rancoroso. Apanhe o dia, o mínimo crédula no porvir.

**No cânone:**

|  |  |
| --- | --- |
| Não queiras saber quandoTerão fim, ó Leucótoe, nossas vidas,Por números contando As babilônias sortes proibidas,Quais hão de ser, se curtas se compridas;Se o escuro lago AvernoHavemos de ir passar, se tarde ou cedo,Se neste hórrido inverno,Que quebra o mar no duro e alto rochedo,E seu rigor nos põe espanto e medo.Será melhor aviso O são vinho gastar e a vã esperançaDa vida em festa e riso:E pois que a idade e o tempo faz mudança,Logra o presente e no porvir não cansa.**André Falcão de Resende (séc. XVI)** | Ah! Não procures indagar que termoTenha prescripto o fado a nossos dias;Vedado é saber tanto;Dos Vaticínios Babilônios deixa,Para aprender a suportar constanteOs acintes da Sorte.Ou Jove te destine mais InvernosÀ curta Idade, ou seja o derradeiro,Este que o Mar TirrenoAs fúrias quebra nas opostas Rochas,E nele a Parca inexorável fecheO círculo da vida.Se és prudente, se és cauta, arrasa as TaçasDe doce vinho, apouca as EsperançasEm duração tão breve. Enquanto assim discorro a idade foge:Aproveira o presente, e não confiesCrédula no futuro. **José Agostinho de Macedo (1806)** |
| Tu não trates (que é mau) saber, Leucônoe,Que fim darão a mim, a ti, os Deuses;Nem inquiras as cifras Babilônias,Por que melhor (qual for) sofrê-lo apures.Ou já te outorgue Jove invernos largos,Ou seja derradeiro o que espedaçaAgora o mar Tirreno nos fronteirosCarcomidos penhascos. – Vinhos coa:Encurta em tracto breve ampla ‘sperança.Foge, enquanto falamos, a invejosaIdade. O dia de hoje colhe, e a mínimaNo dia de amanhã confiança escores.**Filinto Elísio (séc. XVIII)** | Saber não cures (é vedado) os deusesA ti qual termo, qual a mim marcaram,Nem consultes, Leocônoe, os babilôniosCálculos, por que assim melhor já sofrasTudo quanto vier, ou te dê JoveMuitos invernos, ou só este, que oraO mar Tirreno nas opostas rochas Quebra. Tem siso, o vinho coa, e cortaEm vida breve as longas esperanças.Ínvida a idade foge: colhe o dia,Do de amanhã mui pouco confiando.**Elpino Duriense (1807)** |
| Não procures saber, querida Irene,Se a mim, se a ti, os Deuses concederamDa vida um termo próximo ou distante: Não convém tal exameNão indagues os cálculos incertosQue produzem horóscopos confusos;Melhor será sofrer que descobri-los: O que vier aceita.Ou nos dê Jove invernos numerosos,Ou deste que do Tejo açouta as águas,Átropos corte o fio a nossos dias, Recear é fraqueza.Gosta os fructos da Quinta do Descanso:Para a longa esperança o espaço é breve;A idade foge enquanto discorremos: Aproveita os momentos.**Marquesa de Alorna (1820)** | Uns com os olhos postos no passado veem o que não veem; outros, fitosos mesmos olhos no futuro, veemo que não pode ver-se.Por que tão longe ir pôr o que está perto – O dia real que vemos? No mesmo haustoEm que vivemos, morreremos. ColheO dia, porque és ele. **Ricardo Reis *Ode 144*(1933)** |

Não indagues, Leucônoe, ímpio é saber

 A duração da vida

Que os deuses decidiram conceder-nos,

Nem consultes os astros babilônios:

 Melhor é suportar

Tudo o que acontecer.

Quer Júpiter te dê muitos invernos,

quer seja o derradeiro

este que vem fazendo o mar Tirreno

 cansar-se contra as rochas,

mostra-te sábia, clarifica os vinhos,

corta a longa esperança,

que é breve nosso prazo de existência.

 Enquanto conversamos,

 foge o tempo invejoso.

Desfruta o dia de hoje, acreditando

O mínimo possível no amanhã.

 **Péricles Eugênio da Silva Ramos (anos 1960)**